

La Comédiathèque

OS SOCROS

Jean-Pierre

Martinez

ideAiS

comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

Os Sogros Ideais

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Ao convidarem os pais do noivo da filha para se conhecerem e prepararem o casamento, descobrem que os pais de um genro aparentemente perfeito nem sempre são os sogros ideais...

Personagens

Antoine
Juliette
Aymar
Jasmina

© La Comédiathèque

Uma sala de estar de aspeto antiquado, com um sofá e uma mesa de centro. Antoine, com uma idade que pode ir dos quarenta e poucos aos sessenta anos, entra de fato de treino, trazendo uma pilha de testes, que pousa na mesa. Põe um disco de vinil de música clássica ou jazz num gira-discos de outra época e senta-se no sofá a corrigir os testes. Juliette, sensivelmente da mesma idade, entra com um impermeável vestido e uma velha pasta de couro na mão. Como a música está bastante alta, Antoine não dá pela sua chegada. Juliette desliga o gira-discos para se fazer ouvir.

Juliette – Mas o que é que estás a fazer?

Antoine – A corrigir testes! O que é que querias que estivesse a fazer?

Juliette – Lembro-te que temos convidados... Chegam daqui a meia hora! Já podias ter começado a preparar-te... Não me digas que te esqueceste!

Antoine – Esquecer-me? Claro que não! Digamos que, neste preciso instante, isso me tinha saído da cabeça... Mas havia de me lembrar, mais cedo ou mais tarde...

Juliette pousa a velha pasta e tira o impermeável.

Juliette – Por exemplo, quando tocassem à porta.

Antoine – É só um aperitivo. Não são precisas horas de preparação. Foi precisamente para simplificar as coisas que não os convidámos para jantar, não foi?

Juliette – Pois, mas já que não nos estamos a esforçar por aí além, ao menos que, quando chegarem, pareça que tivemos algum trabalho a recebê-los! Vá, guarda esses testes e ajuda-me!

Antoine começa a ajudar Juliette a arrumar a sala e a pôr na mesa o necessário para o aperitivo.

Antoine – Sempre teria sido mais simples a Sonia estar cá para os receber... Afinal, são os futuros sogros dela! É ela que vai ter de os aturar para o resto da vida, não nós.

Juliette – Ela achou que estaríamos mais à vontade para nos conhecermos se não viesse com o noivo. Compreende-se. E também não é nenhum sacrifício. Nunca recebemos ninguém...

Antoine – Convenhamos que é um bocado embaraçoso receber em casa pessoas que nunca vimos na vida...

Juliette – O que querias que fizéssemos? Convidá-los para beber um copo no café da esquina, só para não termos trabalho?

Antoine – Podiam ter-nos convidado eles.

Juliette – Eles vivem em Lyon! Se fossem eles a convidar-nos, lá teríamos de fazer quatro horas de comboio de alta velocidade, entre ida e volta. Não sei se ficávamos a ganhar...

Antoine – Não me digas que vêm de Lyon de propósito só para beber um copo connosco?

Juliette – Tiveram a delicadeza de dizer à Sonia que já pensavam passar o fim de semana em Paris, mas não me admirava nada que viessem especialmente para nos conhecer. Portanto, se chegarem e virem que nem sequer nos demos ao trabalho de pôr umas azeitonas na mesa...

Antoine põe azeitonas na mesa e um enchido curado, que se prepara para cortar às rodela.

Antoine – Cá estão as azeitonas...

Juliette – Se calhar era melhor não servirmos o enchido...

Antoine – Porquê? Eu gosto muito disto! É uma Rosette de Lyon, um enchido curado típico da cidade. Comprei-o no supermercado em homenagem aos nossos convidados.

Juliette – Há cinco minutos nem sabias que eles eram de Lyon!

Antoine – Intuição.

Juliette – Enfim, não é por isso...

Antoine – Então já há um problema?

Juliette – O nosso futuro genro chama-se Djamel... Os pais dele provavelmente são muçulmanos, como ele.

Antoine – Djamel é um nome árabe?

Juliette – Sim, claro... E ele tem um aspeto bastante... característico, não achas?

Antoine – O que queres dizer com «característico»?

Juliette – É um bocado... moreno. Negro, quero eu dizer.

Antoine – O nosso futuro genro é negro?

Juliette – Não te tinhas apercebido?

Antoine – Não tinha reparado, para ser sincero.

Juliette – Bem, negro... Não assim muito escuro. Como o Barack Obama, estás a ver?

Antoine – Ah, está bem... Portanto, não é propriamente negro.

Juliette – É negro clarinho... Mestiço, se preferires.

Antoine – E como é que se chama o pai dele?

Juliette – Omar, acho eu...

Antoine – Ah, sim, esse é claramente um nome africano.

Juliette – Do Norte de África, pelo menos.

Antoine – É curioso... Até agora nunca me tinha ocorrido olhar para este casamento sob um prisma étnico...

Juliette – Isso pelo menos prova que não somos racistas.

Antoine – Pois... Também deve ser por a Sonia ter conhecido o Djamel numa das escolas de gestão mais prestigiadas de França. Se o tivesse encontrado no bairro problemático aqui ao lado, talvez tivéssemos reparado mais depressa que ele se chama Djamel e não Jean-Baptiste...

Juliette – Achas?

Antoine – É impressionante como as chamadas «minorias visíveis» se tornam invisíveis a partir de um certo nível de estudos, rendimentos ou fama... Parece que o êxito faz milagres à vista das pessoas.

Juliette – O importante é que ela goste dele. E que seja um bom rapaz...

Antoine – Mesmo assim... Para uns defensores do ensino público e laico como nós, termos uma filha formada numa escola de gestão de elite... Achas que falhámos alguma coisa na educação dela?

Juliette – Defensores do ensino público e laico? É assim que te vês?

Antoine – Estou a brincar, sossega... Sabes perfeitamente que escolhemos esta profissão só por causa das férias...

Juliette – E para podermos fazer o seguro do carro através de uma associação de professores...

Antoine – E, se a nossa filha casar com um africano, mesmo que do Norte de África, sempre nos sentiremos menos culpados por a termos transformado numa pequena soldada do grande capital...

Juliette olha para o resultado dos preparativos.

Juliette – Eu é com o nosso sofá que me sinto culpada... Dá um bocado de vergonha, não dá?

Antoine – O que é que tem o sofá?

Juliette – O problema é que o comprámos logo depois do nosso casamento, Antoine! Está todo abatido... como nós! Não achas que já era altura de comprar outro, agora que a tua filha vai casar?

Antoine – Eu cá afeiçoei-me a este velho sofá todo abatido. Mas, se fazes questão, mudamo-lo... Comprámo-lo numa cooperativa de vendas por catálogo para professores, lembras-te? Se calhar ainda têm o mesmo modelo...

Juliette – Essa cooperativa? Mas já nem existe, homem!

Antoine – Já não existe?

Juliette – Pelo menos já não é exclusiva dos professores. Foi à falência há uns anos e depois, acho eu, foi comprada por outra empresa...

Antoine – A sério? Não sabia... Olha que até me custa saber que foi à falência...

Juliette – Pois...

Antoine – Mas a associação que nos faz o seguro do carro ainda existe, espero eu?

Juliette – Espero bem! Senão quer dizer que andamos a conduzir sem seguro.

Antoine – Qualquer dia ainda declaram falência ao sistema nacional de ensino inteiro.

Juliette – Às vezes pergunto-me se isso já não aconteceu...

Antoine olha para a mesa.

Antoine – Acho que agora estamos prontos para receber dignamente os pais do nosso futuro genro.

Juliette – Sim, mas o pior ainda está para vir...

Antoine – O quê?

Juliette – O casamento! Evidentemente, vêm também para isso. Para falar da data e da organização da cerimónia.

Antoine – Só de pensar nisso já fico deprimido.

Sentam-se no sofá. Antoine a envolve com o braço.

Juliette – É uma fase, sem dúvida. Há vinte anos casávamo-nos nós. Agora, é a nossa filha que se casa...

Antoine – Ela vai embora de casa e ficamos aqui como dois parvos, afundados no nosso velho sofá.

Juliette – Uma época que acaba. O começo de outra... Agora teremos mais tempo para nós.

Antoine – E teremos menos despesas... A escola de gestão da Sonia custava-nos todos os meses o equivalente a um salário mínimo. Ainda bem que ela nunca repetiu um ano...

Juliette – Podemos viajar um pouco mais.

Antoine – O que é que os pais do Djamel fazem?

Juliette – A Sonia disse-me que o pai dele trabalha na área da segurança...

Antoine – Um árabe a trabalhar na segurança, isso é progresso, não é?

Juliette – Porquê?

Antoine – Até agora, o clichê era: árabe igual a criminoso. O facto de agora serem também polícias ou seguranças é uma prova de integração... E assim podemos dizer que é uma comunidade que gera os seus próprios empregos.

Juliette – Se pudesses evitar esse tipo de piadas à frente dos pais do nosso futuro genro...

Antoine – Relaxa, não tenho intenção de sabotar este casamento. Depois de tanto tempo à espera de uma oportunidade para nos livrarmos da nossa filha. Sem dote, se possível... E a mãe, o que faz?

Juliette – A Sonia não me disse.

Antoine – Seja como for, lá por a nossa filha casar com o filho deles não quer dizer que tenhamos de passar férias juntos. Aliás, há uma palavra curiosa para esta relação: «consogros».

Juliette – Consogros?

Antoine – É isso. Para a Sonia, serão os sogros. Para nós, são uns desconhecidos a quem o casamento deu um título oficial...

Juliette – Vai ser bonito, este aperitivo... Deixa de ver tudo tão negro! Se calhar até são muito simpáticos...

Antoine – Eu cá digo: recebemo-los hoje para o aperitivo, voltamos a vê-los no casamento e, se não houver afinidade, cada um segue a sua vida.

Juliette – Falando do casamento... Como é que tu o imaginas? Mais vale começarmos por chegar a acordo entre nós...

Antoine – Nós casámo-nos na câmara municipal com quatro testemunhas e fizemos o copo-d'água na garagem...

Juliette – Sim, lembro-me, estava a chover.

Antoine – Casamento molhado, casamento abençoado... Achas que eles vão querer uma festa de arromba?

Juliette – Espero que não... Até porque, segundo a tradição, são os pais da noiva que pagam o casamento...

Antoine – O quê? Estás a brincar, não é?

Juliette – Deve ser isso que substitui o dote hoje em dia... Bom, se calhar convinha mudares de roupa antes que eles cheguem, não?

Antoine – E como me visto eu para receber essa gente? Não os conheço. Se me puser um fato e eles vierem vestidos de forma informal, podia incomodá-los.

Juliette – Se ficares de fato de treino, quem vai estar incómoda sou eu.

Antoine – Então, o que é que ponho?

Juliette – Põe uma djellaba. Para lhes prestar homenagem, parece-me mais adequado do que o enchido de Lyon.

Antoine – Não sei se ainda encontro a que comprei em Marraquexe.

Juliette – Estou a brincar... Mas era melhor esconderes a tua coleção de bandas desenhadas eróticas... Se forem muçulmanos fundamentalistas...

Antoine – Mesmo assim, um convite para o aperitivo fica um bocado estranho, não achas?

Juliette – Porquê?

Antoine – Como os vamos mandar embora quando passarmos para a mesa? Teríamos de ter um código entre nós...

Juliette – Se forem simpáticos, sempre podemos sugerir que fiquem para o jantar.

Antoine – Pronto, era mesmo isso que eu receava... Entrámos numa engrenagem infernal!

Juliette – Podemos fazer isto pela Sonia, é o mínimo. Além disso, o Djamel parece ser um bom rapaz... pelo menos pelo pouco que sabemos.

Antoine – É verdade, afinal nem o conhecemos assim tão bem.

Juliette – Nem sequer reparaste que ele era negro.

Antoine – Só o vimos uma ou duas vezes!

Juliette – Até parece um mau remake daquele filme com o Sidney Poitier...

Antoine – Adivinha Quem Vem Jantar.

Juliette – Com a diferença de que tu já viste o teu genro e nem reparaste que ele era negro.

Antoine – Desculpa, mas isso não é o que eu chamo negro...

Juliette – Bem, como ainda faltam quinze minutos, vou mudar de roupa.

Antoine – Vou esperar que voltes, é mais seguro. Ainda tocavam à campainha quando estivéssemos os dois nus...

Juliette sai. Antoine deixa-se cair no sofá. Toca a campainha. Ele vai abrir a porta, mas regressa sozinho poucos segundos depois. Juliette volta à pressa, ainda sem ter mudado de roupa.

Juliette – Pensei que fossem eles... Quem era?

Antoine – As Testemunhas de Jeová.

Juliette – As Testemunhas de Jeová? E o que é que lhes disseste?

Antoine – Disse-lhes que não estávamos interessados. (*Tocam à campainha novamente.*) E eles insistem...

Juliette (*consternada*) – Tens a certeza de que eram Testemunhas de Jeová?

Antoine apercebe-se do seu erro.

Antoine – Merda!

Juliette vai abrir, fulminando-o com o olhar. Toca o telefone.

Antoine – Sim, Sonia... Sim, sim, acabaram de chegar...

Juliette (*fora de cena*) – Peço imensa desculpa... O meu marido confundiu-vos com... Mas entrem, por favor...

Antoine – Está tudo bem, querida, não te preocupes... Mas tenho de te deixar agora. Isso mesmo, falamos depois...

Aymar e Jasmina entram com um ramo de flores e um presente. Têm, de facto, um aspeto que faz lembrar Testemunhas de Jeová.

Juliette – Oh, não era necessário, não precisavam de fazer isso! É só um aperitivo...

Juliette pega nas flores e Antoine no pacote de presente.

Antoine – Bom dia, bom dia... Fizeram boa viagem?

Aymar – Muito bem, obrigado...

Jasmina – Deixem-me apresentar-me...

Juliette (*interrompendo-a*) – Já fazemos as apresentações... Primeiro venham deixar os casacos no quarto. Quero dizer, ponham os casacos em cima da cama. Fiquem à vontade. É por aqui.

Aymar e Jasmina não têm tempo de dizer uma palavra. Desaparecem por um momento na sala ao lado.

Juliette – Já alguma vez viste Testemunhas de Jeová tocarem à porta com um ramo de flores?

Antoine – Não vi o ramo, eles devem tê-lo escondido atrás para nos surpreender. E além disso, é culpa tua... Disseste que esperávamos pessoas de cor. Não me digas que são negros!

Juliette – Não sei, parece-me que há ali qualquer coisa, não achas?

Antoine – Tens a certeza de que não são as Testemunhas de Jeová? Nem sequer os deixaste apresentar-se!

Aymar e Jasmina voltam sem os casacos.

Juliette – Entrem, entrem, por favor!

Antoine – Conheci uma pessoa chamada Omar, há muitos anos, mas já não me lembro de quem era... Importa-se que lhe chame Omar?

Aymar – Se faz questão, não me importo... Mas o meu nome é Aymar.

Juliette – Ora essa...

Jasmina (*soletrando*) – A-Y-M-A-R.

Aymar – É verdade que não é um nome muito frequente. Compreendo a confusão...

Antoine – Entendo... Então também não são negros, não?

Aymar e Jasmina ficam um pouco surpreendidos com este comentário.

Aymar – E esta é a minha esposa Jasmina.

Jasmina – Muito prazer em conhecê-los finalmente.

Juliette – Jasmina... Ah, sim, também não é um nome muito comum...

Jasmina – E os senhores devem ser o Antoine e a Juliette, não é?

Antoine – Exatamente. Eu sou o Antoine e esta é a Juliette.

Aymar – Sim, era o que eu imaginava...

Juliette – É um prazer finalmente conhecer-vos. A Sonia falou-nos muito de vocês. Então vivem em Lyon, não é?

Aymar – Por agora, sim.

Juliette – Tiveram boa viagem?

Antoine – Já lhes fiz essa pergunta há um minuto, querida. Os nossos convidados ainda vão pensar que não temos nada para lhes dizer...

Aymar – Hoje em dia, com o comboio de alta velocidade, Lyon quase parece um bairro de Paris.

Juliette – Mas sentem-se, façam favor!

Aymar – Obrigado...

Aymar e Jasmina sentam-se no sofá.

Juliette – Antoine, serves as bebidas?

Antoine – O que é que vos sirvo? Imagino que nada de álcool, como o Djamel...

Jasmina (*um pouco surpreendida*) – Um sumo de fruta, obrigada.

Antoine serve-lhe a bebida.

Antoine – E para si, Omar? Perdão, Aymar?

Aymar – O mesmo, obrigado.

Antoine – Também não vou oferecer-vos enchido...

Juliette – Sirvam-se de azeitonas. Cuidado, têm caroço.

Aymar e Jasmina servem-se e não sabem o que fazer com os caroços. Antoine aponta para uma planta.

Antoine – Podem pôr os caroços naquele vaso. É erva para gatos.

Jasmina – Muito bem...

Silêncio incómodo.

Antoine – Sabem qual é a diferença entre a erva para gatos e a erva-gateira?

Aymar – Confesso que não...

Antoine – São duas plantas completamente diferentes, com propriedades muito distintas.

Jasmina – A sério?

Antoine – A erva para gatos ajuda os bichos a expulsar as bolas de pelo que engolem quando se lambem. Já a erva-gateira, também chamada *catnip*, tem efeitos afrodisíacos e até alucinogénios.

Aymar – Não fazia ideia...

Jasmina – Então, têm um gato?

Antoine – Na realidade, não... É para consumo próprio... Não é, querida?

Juliette fulmina-o com o olhar.

Juliette – O meu marido está a brincar, evidentemente... O Djamel é muito parecido com o pai, não achas, Antoine?

Antoine – Eh... Sim... Sim, sim...

Jasmina – A vossa filha, essa, é a cara chapada da mãe. Não achas, Omar? Aymar! Agora até eu já me engano...

Aymar – Sim, a Sonia é mesmo vossa filha. Não há como negá-lo.

Jasmina – Filho de peixe sabe nadar.

Silêncio algo incómodo.

Aymar – Vocês são professores, não é?

Juliette – Sim, exatamente...

Antoine – Dizem que um em cada dois franceses conheceu o cônjuge no trabalho. Entre os professores, a percentagem deve andar pelos noventa por cento.

Juliette – Os 10% restantes devem ter-se conhecido nas férias escolares...

Antoine – E o senhor, Aymar, o que faz na vida?

Aymar – Trabalho na área da segurança.

Juliette – Sim, foi o que a Sonia nos disse.

Antoine – Mas quando diz segurança, refere-se a transporte de valores? Vigilância? Guarda-noturno?

Aymar – Um pouco de tudo. Dirijo uma empresa com 300 empregados.

Juliette – Ah, sim, realmente...

Aymar – A segurança, sabem? É um setor em pleno crescimento.

Jasmina – Com tudo o que se vê ultimamente...

Antoine – Foi o que eu disse à minha mulher antes de chegarem. A segurança é uma profissão com futuro e uma ferramenta fantástica de integração...

Juliette – E a senhora, Jasmina?

Jasmina – Sou médica.

Juliette – Ah, isso dá sempre jeito... Ter uma médica na família pode ser muito útil.

Jasmina – Sou médica-legista.

Antoine – Bem, isso também pode dar jeito... Se um dia assassinar a minha mulher e precisar de um atestado de óbito de favor, já sei a quem recorrer...

Juliette – Médica-legista... Deve ser... fascinante, imagino?

Jasmina – Oh, não é tão emocionante como nas séries policiais da televisão... E que disciplina leciona, Antoine?

Antoine – Ciências Naturais.

Jasmina – Muito bem...

Antoine – Pois, isto costuma provocar um silêncio na conversa... E pensar que nenhum argumentista, nem sequer dos mais bêbedos, se lembrou ainda de fazer uma série sobre professores de Ciências Naturais.

Juliette – E eu sou professora de inglês.

Jasmina – Que curioso, mas estava certa de que ia dizer isso.

Juliette – A sério? Tenho ar de professora de inglês? Não sei se hei de receber isso como um elogio...

Antoine – Talvez devêssemos pôr estas flores na água...

Jasmina – Não vão abrir o pacote primeiro?

Juliette – Ah, claro que sim.

Antoine – Isto não será uma bomba, pois não?

Juliette abre o pacote e tira um vaso horrível e deformado.

Antoine – Que curioso... O que é isto?

Juliette – Um porta-guarda-chuvas?

Antoine – Uma escarradeira?

Jasmina – É um vaso.

Aymar – Para pôr as flores.

Juliette – Ah, claro... Sim, assim podemos pôr as flores aí...

Antoine olha o desenho no vaso por cortesia.

Antoine – É bonito... O que representa?

Juliette – Isto é a Bretanha, não é?

Aymar – A Sonia disse-nos que é natural de Brest, na Bretanha.

Jasmina – É artesanato local.

Juliette – Ah, sim, querido, olha: é a baía de Brest.

Antoine – Não, deixa-me ver...

Juliette passa-lhe o vaso de forma desajeitada; o vaso cai ao chão e parte-se. Consternação dos convidados.

Juliette – Ai, que desajeitada que sou...

Antoine – É o que se chama um ato falhado... Quer dizer, a minha mulher sempre detestou a Bretanha. Aliás, nunca vamos lá. Passamos as férias todas no sul de França...

Juliette – Peço imensa desculpa... Não sei o que dizer...

Aymar – Não se preocupem com isso, não é tão grave...

Juliette – Vou limpar tudo isto.

Jasmina – Ajudamos.

Juliette – Não, por favor, fiquem sentados. Talvez se consiga colar os cacos...

Antoine (*ajudando-a a apanhar os cacos*) – Porque não? O desenho até pode ajudar-nos a juntá-los.

Juliette – Sim, é como um puzzle, mas em três dimensões!

Antoine – Que curioso, havia um papel dentro... Foram vocês que escreveram?

Aymar – Eu não... Foste tu, querida?

Jasmina – De forma alguma...

Juliette – O que é que será?

Antoine – Não sei... Não está em francês...

Aymar – Se calhar é bretão?

Jasmina – Ou sueco...

Aymar – Deve ser o manual de instruções...

Juliette – De um vaso?

Antoine – Parece mais romeno...

Jasmina – Sabe romeno?

Antoine – Tenho algumas noções...

Juliette – Vou escrever o texto no Google Translate... De qualquer forma, é muito curto.

Juliette pega no telemóvel e começa a introduzir o texto.

Antoine – Já tinha ouvido falar de mensagens dentro de garrafas, mas dentro de vasos...

Juliette – Já está... Meu Deus!

Aymar – O que se passa?

Juliette – É uma mensagem de socorro!

Jasmina – Um naufrago que pôs a mensagem num vaso?

Juliette – Pior ainda... É uma criança órfã romena, mantida como escrava numa fábrica de vasos perto de Bucareste...

Jasmina – Não pode ser...

Aymar – Que horror...

Juliette – Precisamente apadrinhamos uma criança romena... Percebem? Este vaso pode ter sido feito por ela...

Jasmina – Sinto muito, não sabíamos de nada.

Aymar – Comprámos na Ikea.

Jasmina – Pensávamos que, no pior dos casos, faziam-no com crianças suecas bem alimentadas...

Antoine – E agora, o que fazemos?

Juliette – Que queres que façamos? Nem sequer deixou uma morada! Diz que nem ele próprio sabe onde fica a fábrica clandestina onde está preso...

Antoine – Na Roménia... A fabricar vasos decorados com paisagens da Bretanha para exportação... Aonde é que isto vai parar?

Juliette – Vamos avisar a associação Órfãos Sem Fronteiras amanhã...

Antoine – É este o resultado da globalização tão na moda nas escolas de gestão que os nossos filhos frequentam...

Juliette – Desculpem, não queríamos estragar-vos o aperitivo.

Jasmina – Nós que pedimos desculpa. Se soubéssemos...

Aymar – Nós também, garanto-vos, somos completamente contra a escravatura infantil.

Jasmina – Mesmo com crianças romenas...

Aymar ergue o copo para brindar.

Aymar – Vá, não vamos deixar que isto nos estrague o serão! À nossa!

Brindam. Depois disso, custa retomar a conversa.

Aymar – Muito bem... Então, o que planeamos para os nossos?

Juliette – Os nossos?

Jasmina – Os nossos filhos! Para o casamento deles!

Juliette – Ah, sim, claro... Também há isso...

Aymar – Não se importariam que houvesse uma cerimónia religiosa?

Juliette – A princípio, não estamos contra, mas também não a favor... Só que poderia ser algo complicado...

Antoine – Eu fui católico numa vida anterior, a minha mulher é judia por parte de mãe e protestante por parte de pai, e se vocês forem muçulmanos...

Juliette – A menos que o façamos em terreno neutro, num templo budista...

Antoine – Podíamos estar lá toda a semana...

Jasmina – Mas... O que vos leva a pensar que somos muçulmanos?

Um silêncio embaraçado.

Juliette – Claro, desculpem...

Antoine – É verdade, sempre pensamos que árabe é igual a muçulmano, mas também há árabes católicos.

Outro momento de tensão.

Antoine – Então, também não são católicos?

Aymar – É mais uma questão de...

Jasmina – Não somos árabes.

Antoine – Ah... Vês? O que te disse eu? Não são árabes! Nem negros, claro...

Juliette – É evidente.

Antoine – A minha mulher estava convencida de que o vosso filho era negro...

Juliette – Sabemos bem o que é ser negro. Também apadrinhamos um órfão no Mali...

Antoine – Teríamos gostado de o trazer para França, mas a associação Órfãos Sem Fronteiras descobriu à última hora que, afinal, ele tinha pais...

Juliette – Têm razão: o racismo só desaparecerá quando os franceses de famílias francesas há gerações começarem, por iniciativa própria, a dar nomes norte-africanos aos filhos.

Antoine – Hoje em dia, há filhos de imigrantes que têm de afrancesar o nome para conseguirem sequer que lhes leiam o currículo.

Juliette – É verdade, há nomes árabes muito bonitos. Quero dizer, não Mohamed ou Mouloud...

Antoine – Nem Abdelkader ou Abdelkrim...

Juliette – Mas não sei, Djamel ou Jasmina, por exemplo.

Antoine – Já há quem dê aos filhos nomes americanos como Stewie ou Pamela...

Juliette – Igualmente ridículo.

Antoine – Então, por que não nomes norte-africanos?

Segue-se um silêncio incómodo depois desta conversa.

Jasmina – Jasmina é um nome croata.

Aymar – Quanto ao Djamel, já tinha um ano quando o adotámos. Naturalmente, mantivemos-lhe o nome.

Juliette – Claro...

Jasmina – Compreendemos a confusão. O Djamel provavelmente não vos disse que foi adotado.

Juliette – Não é propriamente uma coisa de que se fale com facilidade...

Antoine – Então, o nosso futuro genro, de qualquer forma, é árabe, não estamos de acordo?

Aymar – É um pouco mais complicado do que isso, mas...

Jasmina – Espero que isso não vos cause nenhum problema.

Juliette – Claro que não, de forma alguma! Pelo contrário.

Silêncio incómodo.

Aymar – Na verdade, há algo mais que devemos contar-vos sobre o nosso filho...

Jasmina – Algo importante que devem saber...

Juliette – Não se preocupem, ninguém é perfeito.

Antoine – Todos cometemos erros de juventude, não é? Mesmo que tenha passado um tempo na prisão por tráfico de droga antes de entrar para a escola de gestão...

Jasmina – Fiquem descansados: o cadastro do nosso filho é virgem.

Antoine – Infelizmente, não posso dizer o mesmo da minha filha... Quer dizer, no que respeita à virgindade.

Juliette lança-lhe um olhar reprovador.

Aymar – Por ser adotado, o Djamel tem laços muito fortes connosco.

Jasmina – E nós, naturalmente, temos laços muito fortes com ele...

Aymar – Somos a única família dele, percebem?

Jasmina – E nós já não temos parentes próximos.

Aymar – Todos faleceram.

Silêncio.

Juliette – Meu Deus, que horror.

Antoine – Como aconteceu?

Aymar – É uma história trágica.

Jasmina – Que talvez vos contemos algum dia.

Aymar – Mais tarde.

Jasmina – Quando nos conhecermos um pouco melhor...

Aymar – De qualquer forma, depois do casamento.

Jasmina – Não queremos estragar esta ocasião com os nossos dramas familiares.

Jasmina reprime uma lágrima. Antoine e Juliette, desconfortáveis, trocam um olhar preocupado.

Juliette – Posso servir-vos mais alguma coisa?

Antoine – Um aperitivo de verdade, então? Já que não são muçulmanos... Vai animá-los um pouco!

Juliette – Uísque? Vinho do Porto?

Jasmina – Então vou tomar um pouco de vinho do Porto.

Aymar – Eu também.

Juliette serve as bebidas.

Antoine – Provem um pouco do enchido! É um enchido curado de Lyon. Comprámo-lo a pensar em vocês... Quero dizer, para o caso de serem mesmo de Lyon e não serem muito rigorosos com as regras do Islão...

O telemóvel de Jasmina toca.

Jasmina – Desculpem, peço desculpa... (*Atende.*) Sim? (*Em voz mais baixa.*) Já te disse que não me ligasses para este número...

Aymar lança-lhe um olhar desconfiado.

Jasmina – Dão-me licença um instante?

Jasmina desaparece na sala onde tinham deixado os casacos. Aymar também se levanta e segue-a.

Aymar – Não me digas que vais...

Jasmina – Deixa-me em paz!

Aymar – Desculpem um instante...

Aymar entra atrás dela na sala. Ouvem-se as suas vozes baixas do lado de fora.

Jasmina – Estás a vigiar-me? Sei, é uma deformação profissional, mas...

Aymar – Pelo menos podias ter a decência de...

Jasmina – Podes falar mais baixo, por favor? Lembro-te que não estamos em nossa casa...

Aymar – Muito bem, falaremos disso mais tarde... Mas não vais sair com a tua, garanto-te... Tu e o teu moreno...

Antoine e Juliette trocam um olhar preocupado, surpreendidos pelo tom da conversa.

Antoine – Não me parece muito tranquilizador, vindo de alguém que trabalha na área da segurança, pois não?

Aymar volta.

Aymar – Estou realmente envergonhado.

Juliette – Não se passa nada, não se preocupe!

Aymar – A minha mulher tem andado um pouco deprimida ultimamente.

Juliette – Oh, já sabem, isso acontece a todos nós de vez em quando. Basta abrir um jornal ou olhar à nossa volta. Não é que tudo isto nos incentive muito ao otimismo...

Aymar – Na verdade, a Jasmina tentou suicidar-se há três meses.

Antoine – Bolas...

Juliette – Sinto muito, de verdade.

Aymar – Claro, peço que não mencionem isto à frente dela...

Juliette – Claro...

Jasmina regressa.

Jasmina – Peço desculpa... Estavam a falar do casamento, imagino?

Juliette – Eh... Sim... Entre outras coisas...

Aymar – Acho que concordarão connosco: uma simples cerimónia na câmara municipal é um bocado triste...

Antoine – No nosso caso, ficámos com isso na altura... Mas também não diria que o nosso casamento tenha sido uma grande alegria, para ser sincero...

Juliette – E o que estavam a pensar?

Aymar – Um casamento verdadeiro é um casamento na igreja, não é?

Antoine – Então, o vosso filho é católico?

Jasmina – Batizámo-lo quando o adotámos.

Aymar – Deixámo-lhe o nome, mas, ainda assim, seria melhor todos termos a mesma religião, não acham?

Juliette – Sim, sempre é mais prático... Sobretudo às refeições...

Antoine – E sobretudo nas festas de família...

Juliette – Embora, no vosso caso, já não tenham família...

Momento de silêncio.

Antoine – Bem, tranquilos, não vamos fazer disto uma questão de princípios...

Juliette – A nossa filha não foi batizada, mas, se encontrarem um padre que não se importe...

Antoine – Henrique IV mudou de religião para se tornar rei de França. Agora é a nossa filha que está disposta a fazer o mesmo para se casar!

Jasmina – É que...

Juliette – Diga?

Aymar – Pensávamos que já sabiam...

Jasmina – A Sonia decidiu batizar-se para poder casar na igreja com o Djamel...

Antoine troca um olhar consternado com Juliette.

Aymar – Não vos tinha dito?

Antoine – Parece que se esqueceu de mencionar esse pequeno pormenor.

Jasmina – Tenho a sensação de que isso vos está a incomodar...

Antoine – Ora essa! É maior de idade. Se lhe apetecer tornar-se mórmon ou salafista, não podemos impedi-la...

Juliette – Nesse caso, já estamos de acordo. Os nossos filhos vão casar-se perante Deus.

Aymar, emocionado, levanta-se e reprime uma lágrima.

Aymar – Nem imaginam o que este casamento significa para nós...

Jasmina – Sim... Um verdadeiro renascimento... Ou antes, uma ressurreição... Depois daquele massacre...

Antoine – Massacre?

Jasmina – Referia-me à família do meu marido...

Aymar – Estou tão emocionado... Posso dar-vos um abraço?

Juliette – Claro... Afinal, já quase somos da mesma família, não acham?

Aymar abraça Juliette e depois vai em direção a Antoine.

Aymar – E o senhor, Antoine, também me dá um abraço?

Antoine – Se for absolutamente necessário...

Aymar abraça Antoine durante um longo momento e depois limpa outra lágrima.

Aymar – Desculpem... Poderiam indicar-me onde fica a casa de banho? Acho que preciso de me refrescar um pouco...

Juliette – É a seguir ao quarto, à esquerda.

Aymar sai. Silêncio incómodo.

Antoine – Nós, homens, também temos direito à nossa parte de feminilidade, não acham?

Jasmina – Suponho que ele vos disse que tenho andado deprimida...

Antoine e Juliette guardam um silêncio incómodo.

Jasmina – E que até tentei suicidar-me...

Juliette – Eu... Já não me lembro se ele mencionou isso...

Jasmina – Na verdade, quem não está bem é ele. É ciumento a um ponto doentio. Desde que nos casámos que me manda vigiar constantemente por um dos seus seguranças, com o pretexto de me proteger...

Juliette – Talvez seja apenas demasiado... protetor, não acha?

Antoine – Uma deformação profissional, talvez...

Jasmina – E depois acusa-me de ter aventuras com os meus seguranças.

Juliette – Bem, isso é ridículo...

Jasmina – Que quer que lhe diga? Quando nos impõem a companhia de um homem bonito o dia inteiro... E por vezes até à noite, quando o meu marido está fora...

Juliette – Obviamente, isso cria tentações.

Jasmina – Afinal, sou só uma mulher... E no meu trabalho, a maioria dos homens com quem trato já está morta...

Juliette – E então a senhora...?

Antoine – Suponho que tenha sido apenas um deslize sem importância...

Juliette – Isso acontece a todas nós, não é verdade?

Antoine lança-lhe um olhar atónito.

Jasmina – O Aymar vai por aí a dizer que o Djamel é filho adotivo. Na realidade, ele é fruto de uma dessas numerosas relações extraconjugais... E o meu marido sabe isso perfeitamente, claro...

Juliette – Claro...

Antoine – É verdade que o Djamel não se parece nada com ele, apesar do que dissemos há pouco por delicadeza...

Juliette – É verdade que o Djamel tem traços bastante marcados.

Antoine – Sem chegar a dizer que é negro...

Jasmina – Por isso escolhemos um nome um pouco exótico para ele.

Antoine – Claro...

Jasmina – Na realidade, o meu marido não pode ter filhos... Às vezes pergunto-me se não foi ele, inconscientemente, quem me empurrou para os braços de todos aqueles ganhões que trabalham para ele... O Aymar não conseguia aceitar a ideia de não ter um sucessor, percebem?

Antoine – Nesse caso, mais do que um filho ilegítimo, talvez devêssemos falar de procriação medicamente assistida... À moda antiga...

Juliette – Nota-se que és professor de Ciências Naturais...

Jasmina – O problema é que o meu marido ainda não aceita bem esta situação...

Juliette – E o Djamel? Sabe quem é o pai biológico dele?

Jasmina – Só sabe que é um dos trezentos empregados do meu marido. Tal como eu, aliás... Para evitar que surgissem laços demasiado estreitos, o meu marido trocava todos os dias o segurança responsável por me vigiar.

Juliette – E já não se lembra quem estava de serviço essa noite...

Antoine – Um anjo da guarda... Isto já não é procriação assistida... Estamos quase na imaculada conceição...

Jasmina – O que mais me preocupa é que, devido ao trabalho dele, o meu marido tem licença para portar armas...

Juliette – A sério?

Jasmina – Temo que um dia faça alguma asneira.

Antoine – Que tipo de asneiras?

Jasmina – Que se mate. Ou que mate alguém. Não se deve contrariá-lo, sabem? Ele tem ataques de ira incontrolláveis. Viram-no antes?

Antoine – E... o seu marido traz a arma com ele?

Aymar regressa.

Aymar – Estamos realmente muito agradecidos pela vossa hospitalidade.

Jasmina – Sim, de verdade...

Aymar – Agora somos uma família, não é?

Jasmina – Acho que isso também vai ajudar a reforçar o nosso casamento, depois de todas as provas que passámos.

Aymar – Na verdade, decidimos mudar-nos para estar mais perto do nosso filho e dos nossos futuros netos. Estamos a pensar comprar uma casa em Paris.

Juliette – A sério? Em que zona, exatamente?

Jasmina – Vi que há uma casa à venda bem em frente...

Juliette – Em frente de quê?

Jasmina – Em frente da vossa!

Aymar – Já vos disse, não temos parentes próximos. E já sentimos tanta afinidade convosco...

Antoine e Juliette ficam atónitos. O telefone toca, mas não o ouvem.

Jasmina – Não vão atender?

Juliette – Sim, sim, claro...

Antoine atende.

Antoine – Sim, querida... Ainda bem que telefonaste. Queria precisamente saber se pensavas convidar-nos para o teu batizado. Que gostarias de receber? Uma pulseira com o teu nome? Uma cruzinha de ouro? Uma medalha da Virgem? (*Fica imóvel.*) O quê? Não... Mas porquê? (*Aos outros três.*) Desligou...

Juliette – Mas o que se passa?

Antoine – Já não quer casar... Diz que o Djamel foi infiel.

Juliette – Isso é terrível!

Antoine – Sim... Então, por que é que sinto como se fosse uma boa notícia?

Aymar – O Djamel? Infiel à Sonia?

Jasmina – O nosso filho nunca faria algo assim...

Juliette – Bem, também não é algo que se possa afirmar assim tão categoricamente, não acha?

Jasmina – Isso não encaixa de todo com a educação cristã que lhe demos...

Aymar – Sim, bem... Tal mãe, tal filho...

Jasmina – O que insinuas?

Aymar – Já me entendo...

Juliette (*a Antoine*) – Podias ter-me passado o telefone, pelo menos.

Antoine – Foi ela quem desligou!

Juliette – O que te disse exatamente?

Antoine – Não percebi grande coisa, ela estava a chorar ao telefone. Mas acho que falou de um preservativo encontrado debaixo da cama do Djamel, no quarto da escola de gestão...

Jasmina – Usado, o preservativo?

Antoine – Isso não me disse. Querem que lhe volte a ligar para perguntar?

Jasmina – E estão certos de que não é mais a vossa filha quem...?

Aymar – É verdade que ela é um pouco...

Juliette – Um pouco o quê?

Jasmina – Um pouco desinibida, não?

Juliette – Desinibida, a minha filha? O vosso filho é que é um bocado reprimido... Afinal, pelos vistos, nem tanto assim.

Antoine – Sim, não vamos inverter os papéis! Até prova em contrário, foi o vosso filho que traiu a minha filha.

Aymar – Bem, visto de outra forma, melhor que aconteça antes do casamento, não acham?

Juliette – O quê? Isso é monstruoso! Essa é a moral hipócrita que incutiram no vosso filho? Já se veem os resultados!

Antoine – Seja como for, a Sonia já não quer casar. E confesso que não me desagrada nada...

Aymar – E porquê, se se pode saber?

Antoine – Se assim se livra de uns sogros psicopatas...

Jasmina – Como?

Juliette – Eu também devo dizer que não tinha um bom pressentimento sobre este casamento.

Jasmina – Ah, sim?

Antoine – Temos de admitir que não temos muito em comum.

Juliette – E provavelmente os nossos filhos também não.

Antoine – Sinceramente, não acho que a Sonia e o Djamel tenham sido feitos um para o outro. É a nossa filha, conhecemo-la bem.

Aymar – Pois, vê-se bem: nem sequer sabiam que a vossa filha tinha decidido batizar-se.

Antoine – A nossa filha foi educada segundo os princípios sagrados do ateísmo e da laicidade. É o vosso filho que a está a influenciar mal.

Antoine – Para ser sincero, quando chegaram, tomei-vos por Testemunhas de Jeová.

Aymar – Sério? Eu achava que nos tinham confundido com negros.

Juliette – Negros? Isso é ridículo! Vê-se claramente que não são negros...

Jasmina – Ou, em todo o caso, árabes...

Antoine – Já verás, em breve vão-nos acusar de islamofobia.

Aymar – Pois... Digam antes que não querem este casamento porque são racistas!

Antoine – Racistas? Nós? Agora é que passaram das marcas!

Antoine atira o conteúdo do copo à cara de Aymar. Indignado, Aymar agarra-o pela gola e empurra-o sem grande violência, mas Antoine perde o equilíbrio e cai.

Juliette – Oh, Deus meu!

Juliette corre para Antoine.

Juliette – Antoine, estás bem? Está inconsciente!

Aymar – Sinto muito, mal o toquei.

Juliette – Assassino! (*A Jasmina*) Faça alguma coisa! Afinal, é médica!

Jasmina – Sou médica-legista...

Juliette – Não sei o que me impede de...

Jasmina – Experimenta, sua bruxa!

Juliette – Puta! Necrófila!

Juliette começa a estrangular Jasmina. O telemóvel de Aymar toca. Ambas as mulheres param.

Aymar – Sim, Djamel... Sim, estamos aqui com o Júlio e a Antonieta... O Antoine e a Juliette, claro! (*Aos outros.*) Diz que não traiu a Sonia. Foi um mal-entendido. Já fizeram as pazes e afinal vão casar. Não, agora não te posso passar o Antoine, teve um pequeno acidente... Não, não é grave, a sério... Deve ter-lhe caído mal alguma coisa... Sim, continuamos a tomar o aperitivo... Está bem, até logo...

Jasmina inclina-se para Antoine.

Jasmina – De qualquer forma, como médica-legista posso garantir que este homem não está morto.

Antoine recupera a consciência e levanta-se. Todos parecem muito incómodos.

Antoine – O que aconteceu?

Juliette – Nada, querido, provavelmente escorregaste, só isso.

Aymar – Acho que as nossas palavras nos escaparam um pouco, não?

Juliette – Deixámo-nos levar, é claro.

Jasmina – Começámos mal, mas vamos começar do zero, certo?

Antoine – Os nossos filhos vão casar-se, afinal.

Aymar – Foi totalmente culpa nossa, não deveríamos ter...

Juliette – Não, de todo, foi coisa nossa...

Antoine – Querem mais alguma coisa?

Jasmina – Não me parece boa ideia. Mal comemos no comboio de alta velocidade ao almoço...

Juliette – Mas vão ficar para o jantar, certo?

Antoine lança-lhe um olhar consternado.

Aymar – Não queremos abusar...

Juliette – Não preparei nada, mas vou ver o que tenho no congelador. Fazemos uma coisa simples, sem cerimónias...

Jasmina – Nesse caso...

Juliette sai. Silêncio incómodo.

Jasmina – Gosto muito do vosso sofá...

Aymar – Sim, é muito confortável.

Jasmina – É de couro, claro. O couro verdadeiro reconhece-se logo.

Aymar – O couro envelhece muito bem...

Antoine – Comprámo-lo há anos numa cooperativa de vendas por catálogo para professores. Sabiam que a cooperativa foi à falência?

Aymar – Uma cooperativa para professores? O que era isso?

Antoine – Uma empresa que não soube adaptar-se à globalização.

Aymar – Como o sistema nacional de ensino, então...

Antoine – Felizmente ainda não descobriram maneira de deslocalizar os professores.

Jasmina – Não se preocupem, hão de descobrir...

Juliette regressa.

Juliette – Não tenho grande coisa, mas, como já petiscámos bastante, podemos passar diretamente à sobremesa. Tinha uma *galette des rois* no congelador, a tarte francesa tradicional do Dia de Reis. Aqueci-a no micro-ondas...

Antoine – Uma *galette des rois*? Mas estamos em junho...

Juliette – Em janeiro, comprei duas em promoção no supermercado. Como só comemos uma, congelei a outra...

Aymar – Uma *galette des rois* vem mesmo a calhar! Adoramos, não é, querida?

Jasmina – E quase nunca temos ocasião de comer uma.

Aymar – É tão boa... Porque havemos de a comer apenas uma vez por ano, na Epifania?

Juliette corta a galette des rois em quatro partes.

Aymar – Segundo a tradição, é o mais novo que se mete debaixo da mesa para decidir a quem calha cada fatia...

Jasmina – Isso obrigava-nos a revelar a idade...

Antoine – E esta mesa também é um bocadinho baixa, não é?

Juliette distribui as porções com a espátula.

Juliette – Para quem?

Antoine – As damas primeiro.

Juliette distribui as porções.

Juliette – Bom apetite!

Comem a galette des rois em silêncio durante alguns instantes.

Aymar – Deliciosa, mesmo!

Jasmina – Sim, muito bem recheada.

Comem mais um pouco, mastigando com cuidado.

Aymar – Ah, parece que me saiu a pequena fava escondida no bolo...

Juliette – Então é o rei!

Antoine – Rei de quê, isso ainda está por ver...

Juliette estende a coroa a Aymar, que a põe na cabeça.

Aymar – Aymar Primeiro! E escolho a minha mulher como rainha, claro.

Jasmina – É o normal, afinal de contas.

Juliette – Claro, claro.

Jasmina – Os pais do príncipe encantado só podem ser um casal real.

Aymar coroa Jasmina e beijam-se longamente. Juliette e Antoine, incómodos, trocam olhares. Juliette tosse um pouco para os trazer de volta à realidade.

Juliette – Apetece-vos um café?

Os outros dois interrompem o abraço.

Jasmina – Porque não?

Aymar – Com muito gosto...

Jasmina – Importam-se que vá lavar as mãos? A *galette* é sempre um bocado... lubrificante.

Aymar – Vou contigo. Eu também me sinto um bocado... lubrificado.

Juliette – Claro, sabem onde fica a casa de banho... Vou pôr a máquina de café a fazer.

Aymar e Jasmina saem, seguidos por Juliette. Ela regressa alguns segundos depois.

Antoine – Se ao menos se tivesse engasgado com a fava...

Juliette – Há que admitir que eles são difíceis...

Antoine – Então porque é que os convidaste para jantar?

Juliette – Isto não é um jantar, é só uma *galette des rois*! E lembro-te que a Sonia vai casar com o filho deles...

Antoine – Temos de evitar esse casamento a todo o custo, ou isto vai ser um pesadelo...

Juliette – Ah, sim? E como é que fazemos isso?

Ouve-se Aymar e Jasmina a rir fora de cena.

Antoine – Pareciam bastante animados... Achas que estão a copular na nossa casa de banho?

Juliette – Viste antes, quando ele esteve a ponto de sacar a pistola? Achas que devo chamar a polícia?

Antoine – De qualquer forma, como diz a esposa dele, melhor não contrariá-lo...

Aymar e Jasmina regressam. Ele acaricia-a com uma intimidade ostensiva. Brincam como adolescentes.

Jasmina – Ai, não, para já... Por favor... Não aqui...

Juliette (*embaraçada*) – Vou ver se o café está pronto.

Juliette sai. Jasmina e Aymar tentam recuperar a compostura e retomar uma conversa trivial.

Jasmina – A Sonia disse-nos que têm uma casa de férias na Provença, não é?

Antoine – Sim, em Tarascon... Vamos para lá sempre que podemos.

Aymar – Que coincidência! Nós passamos as férias em Beaucaire, mesmo do outro lado do rio Ródano! Basta atravessar a ponte!

Juliette regressa com o café.

Juliette – A sério? Que coincidência extraordinária!

Antoine e Juliette trocam um olhar desconcertado.

Aymar – Então, podemos ver-nos também durante as férias!

Jasmina – E se fizéssemos o casamento lá?

Aymar – É verdade que ainda temos de acertar os pormenores do casamento... Mas eu tinha outra ideia...

Antoine – Nós pensávamos numa coisa bastante íntima. E, felizmente, vocês não têm família...

Aymar – Temos de assinalar a ocasião... E se fizéssemos a festa nas instalações da minha empresa? Era mais prático para convidar os meus clientes...

Antoine – Tem muitos clientes?

Aymar – Não se preocupem, faço passar tudo como despesas de representação...

Antoine – Ah, nesse caso, se é uma operação comercial...

Aymar – O Djamel há de suceder-me à frente da empresa daqui a uns anos. Será uma boa ocasião para apresentar o meu sucessor aos futuros empregados... Confesso que tenho muita vontade de passar o testemunho e aproveitar um pouco a vida.

Aymar afasta o casaco para mostrar o revólver.

Aymar – Quando me reformar e morar mesmo em frente da vossa casa, aqui em Paris, podem acreditar que, em matéria de segurança, não terão nada a recear... Eu próprio vigiarei a vossa casa...

Juliette – Pois... Até podia organizar uma milícia com os reformados do bairro e fazer rondas pela zona! Que dizes, Antoine?

Antoine – Porque não? Não gosto muito da palavra «milícia», mas durante a guerra chamava-se a isso proteção civil... No fundo, é quase a mesma coisa.

Juliette – Pois... Só que não estamos em guerra...

Aymar – Esquecem-se dos inimigos que temos dentro de portas... A quinta coluna!

Pausa.

Jasmina – Na verdade, gostamos muito da Sonia e estamos muito contentes com esta união.

Antoine – Sim, é... É uma bela desforra, para ela também.

Juliette lança-lhe um olhar surpreendido.

Aymar – Uma desforra?

Antoine – Da vida...

Jasmina – A sério?

Juliette – É verdade que não começou muito bem.

Aymar – Tão grave?

Antoine – Não vos contou? Quando nasceu, a saúde dela era muito frágil. Não é, Juliette?

Juliette – Nasceu muito prematura...

Antoine – Os médicos até se perguntavam se ela não ficaria com sequelas físicas e cerebrais.

Juliette – Na verdade, para os estudos dela, no início, tem de se admitir que não era realmente precoce.

Antoine – Repetiu o último ano da escola primária.

Jasmina – E agora anda numa das melhores escolas de gestão de França...

Antoine – Sim, e pelo menos estabilizou um pouco...

Juliette – Não devíamos dizer isto, mas... Não estavam totalmente errados há pouco...

Antoine – Tem de se admitir que ela é bastante desinibida, como dizem. Para não dizer desviada...

Juliette – Teve muitas aventuras antes de conhecer o vosso filho, isso é certo...

Antoine – Ah, isso sim, podemos dizer que vimos desfilar alguns...

Juliette – E não só boas companhias, lamentavelmente...

Antoine – Foi por isso que ficámos tão aliviados quando nos apresentou o vosso filho...

Juliette – Lembras-te daquela vez em que tivemos de a ir buscar à esquadra, por ter roubado uma coisa num supermercado? O que era, já não me lembro?

Antoine – Fiambre, acho eu.

Aymar e Jasmina olham-se surpreendidos.

Aymar – Fiambre?

Juliette – Ou batom, já não me lembro.

Antoine – Não, agora que me lembro... Era uma tenda de campismo!

Aymar e Jasmina olham-se consternados.

Juliette – Ah, sim, a propósito, há algo mais que achámos importante dizer-vos sobre a Sonia...

Jasmina – Sim?

Juliette – A avó materna dela tinha uma doença genética bastante incapacitante...

Antoine – Sim. Uma doença órfã.

Juliette – Não me lembro bem qual era, mas depois digo... Eu não herdei, felizmente, e a minha filha também não. Mas parece que pode saltar uma ou duas gerações...

Antoine – Não queríamos que a nossa filha vos desse netos abaixo das vossas expectativas...

Juliette – Bem... basta fazer o teste. Só vão ficar com a criança se não estiver afetada pela doença...

Aymar – Ah, sim, é um pouco embaraçoso... Sobretudo porque, do lado do Djamel, nem sequer temos um certificado de denominação de origem controlada...

Jasmina – O que queres dizer com isso?

Aymar – Sabes muito bem o que quero dizer!

Jasmina – Porque do teu lado, toda a gente está perfeitamente equilibrada, não é?

Aymar – O que estás a insinuar?

Jasmina – O teu sobrinho matou toda a família com a espingarda do pai enquanto dormiam!

Aymar – Foi um acesso de loucura, isso pode acontecer a qualquer um!

Jasmina – A qualquer um? Ainda bem que nesse ano não pudemos passar o Natal com eles, senão, não estaríamos aqui para contar...!

Aymar – Sua ordinária! Sua desavergonhada! Um dia mato-te!

Levanta a mão em direção ao seu revólver. Antoine e Juliette estão petrificados. O telemóvel de Jasmina toca. Ela atende.

Jasmina – Sim, tudo bem, Sonia... *(Para Juliette)* É a vossa filha, precisamente.

Juliette – Vou levantar a mesa.

Juliette sai com alguns objetos da mesa.

Jasmina – Certo... Entendido... E, acima de tudo, não te preocupes, querida Sonia. Aceitaremos como és, claro... Não, não... Referia-me à tua doença genética. Os teus pais informaram-nos e... Claro, vamos falar de tudo isso mais tarde...

Antoine – Posso servir mais um pouco de café?

Aymar – Com muito gosto, obrigado...

Juliette regressa e dirige-se discretamente a Antoine.

Juliette – Chamei a polícia...

Jasmina – Muito bem, dou-lhes o recado. (*Guarda o telemóvel.*) Eles passam cá para tomar café...

Juliette – Perfeito, então vou preparar mais um pouco...

Jasmina – Espero não ter cometido um erro ao falar da doença rara dela... Ela parecia surpreendida...

Antoine e Juliette trocam um olhar culpado.

Aymar – A propósito, que tal passarmos o Natal juntos? Afinal, há males que vêm por bem... Depois da tragédia que dizimou a minha família, herdei um chalé nos Alpes.

Jasmina – Poderíamos reunir-nos lá para celebrar o nosso primeiro Natal em família!

Aymar – A nossa nova família!

Antoine e Juliette parecem aterrados. O telemóvel de Juliette toca.

Juliette – Sim, querida. Como? Que doença genética? Não sei do que falas... Bem, explico-te depois, está bem? Um beijo.

Juliette guarda o telemóvel.

Antoine – Preferimos não lhe contar nada até agora... Mas, agora que se vai casar e provavelmente terá filhos... Não ouviste a campainha, querida?

Juliette – Não, não ouvi nada...

Antoine faz-lhe um gesto discreto para que finja.

Juliette – Ah, bem, talvez... É verdade que a campainha soa tão mal... Às vezes nem se ouve.

Antoine – Devem ser eles. Vais comigo recebê-los?

Juliette – Vou contigo...

Saem de mansinho. Aymar e Jasmina ficam em silêncio por momentos.

Jasmina – Tínhamos razão em suspeitar, não achas? São realmente estranhos.

Aymar – Sim... E um pouco insuportáveis...

Jasmina – Um casal de professores, está visto...

Aymar – Não deviam deixar esta gente reproduzir-se entre eles. Já se vê o resultado. Viste a filha deles?

Jasmina – Que queres? Não se escolhe a família que nos calha por casamento...

Aymar – Infelizmente...

Ouve-se uma porta bater com força e talvez um carro a arrancar a toda a velocidade.

Jasmina – Que estranho, parece que se foram...

Aymar – Achas?

Silêncio.

Jasmina – Não me convencia nada este casamento.

Aymar – Eu também não... Mas acho que fizemos o suficiente para o evitar, não achas?

Jasmina – A questão seria mais: não teremos ido longe demais?

Aymar – Achas? Mesmo que o casamento vá para a frente, ao menos devemos ter posto os consogros em fuga de vez.

Jasmina – Sim, imagino que depois do número que lhes fizemos, não estarão dispostos a voltar a convidar-nos.

Aymar – E vão recusar todos os convites que a boa educação nos obrigaria a fazer-lhes...

Jasmina – Sobretudo para passar o Natal no chalé dos horrores. As ideias que nos ocorrem...!

Riem-se. Ouve-se uma sirene de polícia a aproximar-se.

Aymar – Bem vistas as coisas, se calhar tens razão... Talvez tenhamos exagerado um bocado, não achas?

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Naufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Novembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-282-1

Documento para download gratuito